

ONDE ESTÁ MEU CORAÇÃO?

Geny Vilas-Novas

ONDE ESTÁ MEU CORAÇÃO?

© 2015 Geny Vilas-Novas

*Este livro segue as normas do Acordo Ortográfico
da Língua Portuguesa de 1990, adotado no Brasil em 2009.*

Coordenação Editorial

Isadora Travassos

Produção Editorial

Eduardo Sússekind

Rodrigo Fontoura

Victoria Rabello

Foto de capa

Ricardo Pena Assis

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

v7520

Vilas-Novas, Geny, 1947-

Onde está meu coração? / Geny Vilas-Novas. - 1. ed. - Rio de Janeiro :
7Letras, 2015.

ISBN 978-85-421-0374-8

1. Romance brasileiro. I. Título.

15-26189

CDD: 869.93

CDU: 821.134.3(81)-3

2015

Viveiros de Castro Editora Ltda.

Rua Visconde de Pirajá 580, sobreloja 320 – Ipanema

Rio de Janeiro | RJ | CEP 22410-902

Tel. (21) 2540-0076

editora@7letras.com.br | www.7letras.com.br

Os rios doces

Ivan C. Proença

Geny Vilas-Novas é autora conhecida e apreciada no meio literário ausente da roda-viva e das efemérides que envolvem o colonismo social e literário vigente. Obra conduzida com talento – romances, contos, coautoria, ficção particularíssima plena de recursos e literariedade que a identificaram pela originalidade e pela franqueza (digamos) com que trata seus personagens e as, por vezes inusitadas, cenas e situações que os envolvem. Técnicas bem solucionadas e *significados* que levam o leitor a uma profunda reflexão sobre os meandros e mistérios da vida.

Quanto às soluções formais, a autora detém pleno domínio, lúcido e consciente, no uso das técnicas que lhe acompanham a narrativa. O ritmo, em períodos sincopados não raro, se adéqua às cenas em pauta; tempo retardado em enumerações, minúcias definidoras inclusive enquanto reflexões íntimas da protagonista, ou quando, em descrições de locais (Mangaratiba) ou de uma tempestade. Por outro lado, metáforas intensas e lacônicas em presença da vida que se define como mero sopro ou, adiante, castelos de cartas. O outro Tempo, conceitual e cronológico, se revela pleno de jogos antitéticos, antagonísticos até, imperscrutável e incontrolável. Exercícios de metalinguagem associados à intertextualidade, ao longo: referencial diante da poética bandeiriana, de “sentenças” em fundo bíblico, mas basicamente adágios que circulam intensamente pelo narrado, “comprovantes” da sabença

popular. E ainda metalinguagem quanto à relação autor-leitor-obra ou quanto à polêmica em torno das biografias. O ponto de vista da narrativa é conduzido em 1ª pessoa, nas citações em 3ª, alternância bem solucionada. Imagens iterativas na definição ou no recurso nominalista ao apresentar os personagens, não raro simbologia em torno dos olhos (“espelho da alma?”), a Mãe lapidada em pedras raras, a protagonista por vezes “de lata”, a enferrujar por lágrimas. Enfim, a anadiplose encadeando os períodos em lúdico palavra-puxa-palavra que se tensiona com a técnica assunto-puxa-assunto vindo à tona; imagens recorrentes – neste volume e em outros da mesma autora, que enfatizam um entrelaçamento de ideias e gentes e contexto: uma das características do significativo conjunto de obras de Geny Vilas-Novas.

Quanto aos *significados*, isto é, a carga conteudística, este *Onde está meu coração?* (título também imagem recorrente) é escrito em fragmentos ora episódicos, ora orgânicos, mas sempre encadeados (não importa se por tênue fio condutor). A narrativa visita com extrema sensibilidade o passado, infância da narradora, quase sempre *memória* do Rio Doce (seria esta a resposta ao título?), as sinestésias comandando as lembranças plenas daquele *hontem* “que os anos não trazem mais”. O livro, inda que por vezes se configure, ou aparente, algum rigor no “enquadramento” dos familiares (o tema gira em torno da “rainha” e sua família), na verdade mais lembra em certos momentos aquele “ira magoadá” camoniana – *sem perder a ternura*.

E cabe destacar a intensa e notável prosa poética (*chuva*, *relógio*) de um dos últimos fragmentos narrativos do livro. Poeticidade que retornará nas Gradações do final do livro (logo após nova metáfora *vida*, mar de lágrimas), através do antológico desfecho “A Mãe levantou-se da cama de ouro (...) O rosto da Mãe cora e se ilumina”.

Ivan C. Proença é Professor, Mestre e Doutor em Literatura

ELE PAROU DE BATER. Não está dentro do peito, afirma o cardiologista. Como fazer para encontrá-lo? Estaria dentro da uma tela de Van Gogh ou de Cézanne? Não sei.

Onde está o meu coração? Insisto. Ajudem-me a encontrá-lo, sinto-me perdida. Poderá estar também dentro de uma casa de chá japonesa. E para se chegar lá, teremos que andar em jardins, entre pedras cheias de milenares musgos, atravessar pontes sobre riozinhos. Teremos que estar de quimono, e em atitude bem recolhida, se for o dia da cerimônia do chá.

Poderá estar dentro de um castelo mourisco, com fontes murmurantes para abafar a conversa dos moradores e distrair a atenção dos visitantes. Palácios cheios de labirintos, cômodos lacrados, e masmorras para encerrar inimigos. Muitas vezes, príncipes da própria família. Haréns aprisionando lindas meninas. Roubando-lhes o direito à liberdade, iludindo-as a encontrar sultões, e estes encontros, muitas vezes, jamais se concretizam. Intrigas, eunucos, mortes cercadas de mistérios. Envenenamentos. Jardins de rosas, pomar de laranjeiras em flor. Pés com hastes dobradas de romãs e, quem sabe, uma tamareira carregada de frutos bem docinhos? Depois o deserto, as finas areias que mais se parecem pó de ouro. A bola do sol incandescente pondo-se em um mar encrespado de dunas iluminadas.

Sei que meu coração se partiu, e sei que se dividiu ao meio. Mas penso que apenas esta informação é pouca para encontrá-lo. Sei também que se dividiu no dia em que a Filha de Olhos Cor de Esmeralda se foi para Ocala, com o Genro de Olhos Cor de Âmbar. Mas desapareceu do meu peito por completo, no dia em que a Nora de Olhos Oblíquos e Cor de Ônix se foi com o Filho, para Quioto. Passei um tempo sem me dar pelo desaparecimento.

Onde está meu coração? A Mãe dará boa recompensa para quem encontrá-lo, e unir as duas partes.

Será que ficou em um museu na Filadélfia? Tanto lugar melhor para se perder um coração do que dentro de um museu. A Mãe odeia museus. Desconfortáveis, enormes, gente demais, muito a ser visto em pouco tempo. Fazer o quê? Magnetizam-me.

Em Ocala ele não ficou. Talvez, embaixo de um pé de magnólia florido. As magnólias são comedidas, abrem uma única flor por dia, discretamente, e aos poucos, prendendo assim a curiosidade do expectador. Ao alvorecer, lá está uma flor enorme, branquinha e perfumada.

A Mãe teve uma ideia. Ele poderá estar bem embaralhado, entre as páginas do livro *O mágico de Oz*. Quem sabe a Mãe agora é de lata? Como encontrar o caminho de tijolos amarelos que conduz à cidade de Esmeralda? E implorar a Oz que dê a ela um novo coração. Precisa levar óleo para lubrificar as juntas, caso enferrujem. O Pai já disse que não irá. A Mãe é medrosa. Será que ela é o Covarde Leão? Quem sabe? Quem pode saber? E o olhar dela perpassa muros, paredes, montanhas, e seus olhos se perdem no além. Ela está perdida. A Mãe agora é de lata, se chorar o queixo enferruja e ela precisará lubrificá-lo. Se chover, ela se enferrujará por completo. Precisar de alguém para ir des-travando as juntas uma por uma. Onde fica o caminho de tijolos amarelos, que leva à cidade de Esmeralda?

*Onde está meu coração? Ele parou de bater.
Dentro do peito ele não está, afirma o cardiologista.*

A MÃE E O PAI FORAM A OCALA. Ocala é bonita, não muito. A Filha de Olhos Cor de Esmeralda está feliz, não muito. O Genro de Olhos Cor de Âmbar está triste, não muito. A casa é feia, não muito. Os pássaros cantam nas campinas, bem pouco.

Diferentes das escandalosas maracanãs, tucanos e gralhas. É preciso tempo para desapegar-se da terra antiga, e tomar amor pela nova.

O tempo que mata é o mesmo que cura as feridas.

Ao longo do dia, o sibilar dos ventos nas planícies e os corvos corvejando por toda parte. Segundo as lendas indígenas do Alasca, os corvos são sábios, astutos, bondosos e auspiciosos. Trazem sempre bons presságios.

O Filho ligou, está feliz e muito ocupado. Estudando. A Mãe ficou de alma nova só porque falou com o Filho. A Nora de Olhos Oblíquos e Cor de Ônix em casa, perto da família. Já arranhou emprego e está trabalhando no que gosta. Ela é uma *gourmet*. Fez cursos no *Cordon Bleu* de Tóquio. Aqui no Brasil, em muitos lugares, com diferentes *chefs* sofisticados. Aprendeu na casa da Mãe a fazer frango com quiabo, angu, torresmo, taioba, couve picadinha. Canjiquinha com costela de porco, repolho rasgado e tomates pequenos picados. Feijoada. Farofas, e sabe o que acompanha cada prato. Gosta da comida ocidental. Experimentou colocar no *sukiyaki* palmito fresco.

A Mãe agora é de lata, não pode se distanciar do caminho de tijolos amarelos que leva à cidade de Esmeralda. Precisa pedir a Oz um coração. Sonhou que o Pai comprou um terreno e, nesse terreno, havia uma caverna submersa. O lençol freático baixou e a caverna virou uma casa. Teto alto, grandes salões. Cortinas azuis de estalactites pendendo das alturas. A Mãe queria móveis bem modernos para decorá-la.

Quando a Mãe visita o Genro de Olhos Cor de Âmbar ele fica contente. Na hora em que os olhos dele se turvam, a Mãe já sabe, é hora de pegar a mala. O Pai é meio bobinho, não sabe ler as entrelinhas. Antes de viajar para Ocala, a Mãe falou: Vamos ficar no hotel. Não é possível, senhora Gabriela. Tudo é possível, precisa ser combinado. O hotel que o Pai escolheu, o Genro de Olhos Cor de Âmbar não gostou. A Mãe achou o hotel meio ensebado e começou a rir. Adora o café com leite dos Estados Unidos. Achou onde estava a garrafa térmica, ainda no saguão, enquanto o pai preenchia a ficha na entrada. A Mãe quase não conseguia beber o café com leite, de tanto rir. Ria de quê? De nervoso. Passaram os quatro dias combinados e nos mudamos para um bom. Quarto arejado, camas confortáveis. Café da manhã? Ótimo. A Mãe se encantou pelas magnólias. Ah! As magnólias perfumadas. A Filha de Olhos Cor de Esmeralda tem um pé no jardim. O Genro de Olhos Cor de Âmbar sente saudades do Xamã. O cavalo que morreu, ainda no Brasil, picado de cobra.

A Mãe agora é de lata, se pegar chuva ficará enferrujada. Precisa carregar na bolsa um vidro de óleo lubrificante.

Onde está meu coração? Ele parou de bater, dentro do peito ele não está, afirma o cardiologista. Preciso ir à cidade de Esmeralda, implorar ao *mágico de Oz* para dar-me um coração.

A Mãe é complicada, ela poderia ser a menina Dorothy. Pegar um cestinho, calçar o sapatinho de prata da bruxa malvada e receber na testa o beijo da bruxa boa. Já tem até o Capuchinho de Algodão, que poderia ser o Totó. Não, ela quer ser a

Mulher de Lata. Não tem mais coração. Também, de que adiantariam os poderes do sapato de prata e o beijo da bruxa boa? Como Dorothy, ela também é inocente, e não saberia tirar proveito deles. O Homem de Lata não tem coração, mas sabe usar o machado para desvencilhar-se dos empecilhos. A Mãe não tem machado, e teme perder o caminho de tijolos amarelos por onde andam Dorothy, o Homem de Lata, o Covarde Leão e o Espantalho. Seguem para a cidade de Esmeralda. O Espantalho não tem cérebro. A Mãe também está dando falta do cérebro dela. Será que ele também se foi com os filhos? Só faltava esta.

A Mãe sonhou que estava velhinha, não saía mais da cama, e era madrugada quando alguém abriu a porta da sala. Ela reconheceu os barulhos que o Filho faz quando chega à casa. Um assoviozinho, o modo de girar a maçaneta, as passadas firmes e largas. Abriu os olhos, e ele estava sentado em uma cadeira de vime na cabeceira dela. O rosto era jovem, mas a cabeça estava branquinha. A Mãe, assustada, perdeu o sono, ficou vendo televisão e esperando o dia amanhecer.

Com a Filha de Olhos Cor de Esmeralda, a Mãe fala todos os dias. Com o Filho, só falou duas vezes desde que ele se foi. Tem o problema do fuso horário, ele está ocupado. A Mãe, mesmo sem coração, não se engana. Ele não quer falar. Precisa de tempo. Tempo para digerir as amarguras e as frustrações. A Mãe não sabe se ela dispõe desse tempo, e quanto tempo esse tempo vai durar. Não sabe também qual é o tempo dela na vida do Filho. De uma coisa a Mãe tem certeza, o tempo conspira contra ela. O tempo que mata é o mesmo que cura as feridas. No poema de um poeta nordestino, a Mãe não se lembra o nome do poeta, ele vai conversando com Deus e vai fazendo perguntas até uma das conclusões: “Deus, ao invés de temperar a dor, salgou o pranto.” A Mãe não tem certeza se estas vírgulas e este verso foram escritos exatamente assim.

O Genro de Olhos Cor de Âmbar ficou iluminado.

VEM PRA RUA. VEM PRA RUA. Vem pra rua, vem. Os prédios acenderam todas as luzes. Chuva de papel picado. O Genro de Olhos Cor de Âmbar ficou iluminado. O rosto corou um pouco, e desceram grossas lágrimas: É um povo muito especial. Nunca vi coisa mais bonita. Como um povo sofrido desses pode vir à rua com tanta doçura. Minha mãe fica irritada quando falo que adoro chegar ao Brasil. A variedade de animais, da flora e a hospitalidade do povo! Bom, se fosse tudo perfeito, seria até injusto. Deu uma risadinha e beijou o Pai, que estava ao lado dele. Estou certo que nasci no lugar errado, teria que ter nascido no coração da selva.

Cada um paga seu preço, pensei. Eu nasci no meio da floresta. Não existia um palmo de asfalto, da porta do Sítio de Cima até a cidade mais próxima e, de lá, até o Rio de Janeiro. A mãe, lapidada em gemas raras, perdeu muitos filhos na hora do parto, por falta de recursos. Até que ela e o marido decidiram que os filhos nasceriam em hospitais. Hospitais precários, como os da época. Melhor do que nada.

No apêndice da casinha de vidro, que ficava no alto da colina no Sítio de Cima, a Mãe se sentava à tarde e se sentia só e nostálgica. Naquelas horas, em que dizem que a natureza muda a guarda, ela, a Mãe, se sentia filha da solidão e da selva. E sentir-se assim pode ser romântico, mas não é bom e é triste. Aquele isolamento afligia e angustiava. Só era bom enquanto a Mãe, pequena, não sabia que existiam outros mundos. Melhor ainda quando os primos chegavam.

Onde está meu coração? Ele parou de bater. Preciso encontrar o caminho de tijolos amarelos que levam à cidade de Esmeralda. A Mãe agora é de lata. Precisa voltar a amar Mangaratiba. Mangaratiba virou em seu corpo um ponto de dor, não gosta de falar no assunto. Aquilo está morto, preciso ressuscitá-lo. As cachoeiras, a floresta, o riozinho que corre dentro da propriedade e os ruídos que ele faz quando as águas estão transbordantes. Os jacus, os macucos, as arapongas. Maritacas, tuins, periquitos e tiribas. Tucanos, pica-paus e, mais para baixo, os gaviões, canários da terra, rolinhas, juritis e as aves de campina, já fora da nossa chácara. E no alto da floresta o arrulho dos pombos da mata virgem. Os cipós pendentes, as gotas de orvalho brilhando à luz do sol, presas às teias de aranha que atravessam a estrada, e às trilhas dentro da floresta. Penso que o caminho de tijolos amarelos passará por lá e, quem sabe, eu fico, mesmo sem coração. A Mãe agora não é de lata? Por que uma pessoa de lata precisa de um coração? O Rio Furado banhando a Cachoeira das Lontras, formando espumas, e o cantarolar das águas escorrendo por ela. Os seixos rolados estivendo as margens, orquídeas raras crescendo nas pedras, salpicadas pelas águas do rio. Bromélias floridas na copa das árvores. Tudo dentro do condomínio onde fica a chácara. A Mãe se sentiu cansada, montou no dorso do Covarde Leão. Ele amortecia bem as passadas para tornar a cavalgada mais macia. De vez em quando relinchava. A Mãe se assustava e ele bramava mais delicado. Os caminhantes sentiram fome, a Mãe sentou-se à beira d'água, abriu a cesta e começou a comer sanduíches, Capuchinho de Algodão ficou entusiasmado. O Covarde Leão olhou, cheirou, preferiu entrar na mata e encontrar a sua própria refeição. Voltou pisando leve, quebrando uns galhos secos e estalando as folhas caídas das árvores. Em pouco tempo todos estavam dormindo.

Onde está meu coração?

O Genro flagra o Pai e a Mãe tentando esconder-se dele, atrás de uma pilastra.

NA HORA DA CHEGADA, O VOO do Genro de Olhos Cor de Âmbar atrasou muito. Antes que a Mãe e o Pai pudessem esconder-se atrás da pilastra do aeroporto, ele flagrou os dois: Quem diria, senhor Pedro e senhora Gabriela querendo fazer travessuras.

Ele e a Filha de Olhos Cor de Esmeralda ficarão itinerantes no Canadá, até o advogado deles conseguir o pedido de permanência para os Estados Unidos. Talvez o Pai e a Mãe irão visitá-los. Eles não devem sair de Ontário. Sairão da Flórida de carro, puxando um trailer com os animais, até Ontário. Levarão dois cavalos, dois cachorros e uma gata. Já encontraram hospedagem. A Filha de Olhos Cor de Esmeralda irá até Detroit, ajudando o marido. Voltará à Nova York; de lá, para o Rio de Janeiro, onde renovará o visto para o Canadá. Este é o itinerário mais provável. Irão quando o Genro de Olhos Cor de Âmbar voltar de Paris. Enquanto isso, a Filha de Olhos Cor de Esmeralda continuará em Ocala, cuidando dos animais.

A Mãe planeja a chegada da Filha de Olhos Cor de Esmeralda. Comprou para ela um vestido e um casaco. Quer comprar uma pulseira. A Mãe adora encher os filhos de presentes. A cozinheira fará: camarão empanado, purê de maçã e arroz com ovos mexidos, cebola de cabeça batidinha e cebolinha picada. A Filha de Olhos Cor de Esmeralda dirá: tem gosto de infância.

Se a Mãe não estiver desanimada, fará rocambole recheado de brigadeiro mole e canela com açúcar salpicado por cima.

A Filha de Olhos Cor de Esmeralda disse: quero comer chuchu com ovo quebrado por cima. Os ovos cozinham com o vapor. Chegou magrinha. “Fiz regime.” Gostou do vestido e do casaco. Ela parece um cometa, ilumina os caminhos por onde passa. A Mãe está escrevendo, ela oferece queijo derretido com orégano, a Mãe aceita e o Pai também.

Ontem a Mãe falou com o Filho, era o aniversário da Nora de Olhos Cor de Ônix. Eles estavam indo para Guifu. O pai da Nora está com câncer de próstata. Como o metabolismo é muito baixo nos idosos, os cânceres são pouco agressivos. Tem idade avançada, e não pode fazer tratamento, está fazendo o controle. A Mãe chorou, o Pai se fechou em copas e a Mãe viu que ele ficou triste triste. É a vida, fazer o quê? Beber um copo de vinho ou ouvir um tango argentino? A sogra toda semana manda para eles: água e arroz. Por que será, água e arroz? A Nora de Olhos Cor de Ônix não queria aceitar. O Filho aceitou. Ela quer nos fazer carinho. Comprou para eles um futon no preço de um carro. A Mãe fica imaginando, que futon danado de caro será este?

O Filho está feliz, muito feliz. Quer dar amor para o sogro, eles se gostam muito. O Filho é o único homem novo da família, a cunhada é divorciada. O sogro se apegou a ele. Toda folga que têm, eles vão para Guifu. E os sogros vão também visitá-los em Quioto. Dizem que existe o tempo dos homens e o tempo de Deus. Quem sabe o sogro está mais precisado do Filho?

Vem pra rua. Vem pra rua, vem.

ONDE ESTÁ MEU CORAÇÃO? Será que ficou embaixo do pé de magnólia, do jardim da casa da Filha de Olhos Cor de Esmeralda e do Filho de Olhos Cor de Âmbar? Não! A Mãe se lembra do seu batimento no aeroporto de Gainesville. O coração veio com ela para casa. Era uma batida dolorida, mas batia. Bem que a Mãe poderia ser a Dorothy. Deitar em um campo de papoulas e adormecer eternamente, ou até que os filhos viessem acordá-la.

Dentro de algum tempo, quando a Filha de Olhos Cor de Esmeralda se for, o Genro de Olhos Cor de Âmbar virá buscar o *green card*, documento a ser expedido aqui. Aqui foi o ponto da partida. Mesmo assim, precisaram, segundo o advogado, passar seis meses fora dos Estados Unidos. Daqui, ele seguiu para Paris; não via a mãe há três anos. Deu notícias logo que chegou. Ficou feliz com o final da Copa das Confederações. Liga para o Pai a cada gol que o Brasil faz, e canta: Vem pra rua, vem pra rua, vem. Canta baixinho, avisa que a mãe e o irmão estão dormindo. Era o canto da multidão que tomou as ruas das cidades brasileiras clamando por justiça, saúde, escola, mobilidade, moralidade. Punição urgente aos políticos corruptos. Vamos ver até onde esta indignação ordeira, e pacífica, com poucas exceções de vândalos, vai chegar. Nossos diplomatas tentam vender a ideia de que somos pacíficos, apenas compram-na os ingênuos. Como um povo pode conviver em paz com tamanhas diferen-

ças sociais? Criança de cinco anos com um cigarro na mão e na boca uma chupeta. Moradores de rua sendo executados a tiros ou incendiados. Balas perdidas matando inocentes. Altos índices de criminalidades. Tiroteio entre a polícia e os bandidos. Quem é quem?

Bem que a Mãe gostaria de ser Dorothy, já tem até o Capuchinho de Algodão para ser o Totó. Não. A Mãe está pensando que ela pode ser o Espantalho. Ela não tem mais cérebro. Entregou um pedaço ao Filho e à Nora de Olhos Cor de Ônix, o outro pedaço à Filha de Olhos Cor de Esmeralda e ao Genro de Olhos Cor de Âmbar. Eles prometeram guardar em uma caixinha acolchoada, para juntá-lo quando estivessem na casa da Mãe passeando. Ela, a Mãe, não pode perder o caminho de tijolos amarelos que levam à cidade de Esmeralda.

O Filho vai passar férias em Hokkaido.

A MÃE RECEBEU UM E-MAIL DO FILHO. Ele vai fazer as provas e entrar de férias. Vai fazer um tour pela ilha de Hokkaido. É a parte mais rural do Japão. Visitará um vulcão, fará caminhadas. A Mãe transborda de alegria com estes e-mails, imprime, e toda hora relê. Joias preciosas e raras.

O que é a vida além de um sopro?

Nada.

A Mãe sonhou que o coração dela doía. Ela gritava e ninguém ouvia. Algum tempo depois, a mãe dela, lapidada em gemas raras, e que foi morar no reino das águas-marinhas, apareceu. Colocou no peito da filha uma bolsa de água quente. A mãe, lapidada em gemas raras, fez para a Mãe mingau de Maizena e foi dando as colheradas. A dor passou. A Mãe levantou os braços, como fazem as criancinhas, e pediu colo. A mãe, lapidada em gemas raras, tomou a filha nos braços e ficou ninando. A Mãe adormeceu um sono sereno e profundo, como não dormia há muitos anos.

A Mãe está com sessenta e cinco anos. Tem boa saúde, mas precisou fazer operação de catarata nos dois olhos. O médico falou em colocar uma lente dentro dos olhos dela. A lente pode ser colorida, doutor? Não. Por quê? Gostaria de pôr uma lente cor-de-rosa. Cor-de-rosa? É, quero ver o mundo cor-de-rosa.

Ah! A Mãe teve uma ideia ainda melhor. Vai usar os óculos verdes que Dorothy e seus companheiros de viagem usaram na